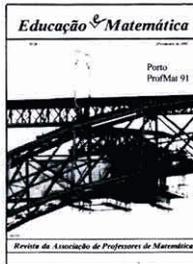


nº 18
2º trimestre
de 1991



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Eduardo Veloso

Redacção
António Bernardes
Henrique M. Guimarães
José Manuel Matos
José Manuel Varandas
José Paulo Viana
Paulo Abrantes
Rosário Ribeiro
Susana Carreira

Entidade Proprietária
Associação de Professores de
Matemática

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
2500 exemplares

Composição
Gabinete Técnico da APM

Capa
Gabinete Técnico da APM

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
Nº de Registo: 112807

Correspondência
Associação de Professores de
Matemática
Av. 24 de Julho, 134 - 4º
1300 Lisboa

A preparação da arte final
foi executada num Mac II,
cedido à APM pela Interlog, SA.

Nota: Os artigos assinados
são da responsabilidade
dos seus autores, não
reflectindo necessariamente
os pontos de vista da
Redacção da Revista.

Dentro de dias, largas centenas de professores de Matemática estarão de novo reunidos no encontro anual promovido pela APM. Cabe perguntar: o que move os professores de Matemática? que razões para esta afluência crescente?

É um facto que as nossas reuniões anuais oferecem inúmeras ocasiões para a criação de novas amizades e para o fortalecimento de outras mais antigas. Depois, ao longo do ano, é a dispersão inevitável, e mesmo os que vivem ou trabalham em locais próximos apenas se cruzam, não se encontram. Por isso, ao fim de um ano, trata-se do prazer do reencontro, sem mais. Uma primeira razão...

Por outro lado, poder-se-á dizer que tanto os novos sócios como os “veteranos” querem saber que novidades vão aparecer no sector das publicações, que novos materiais e ideias estarão presentes na Feira de Ideias e Materiais, e até mesmo quem será eleito para a futura direcção da Associação.

Pese embora estas explicações, julgo que a situação de profundo desencanto a que um grande número de professores tem vindo a chegar, aliada à expectativa criada pelos futuros programas, tem provocado um forte estímulo no sentido da participação em realizações onde possam exprimir as suas preocupações, tentar encontrar em comum soluções para os problemas educativos relativos à matemática, e procurar meios de formação para enfrentar os desafios que inevitavelmente qualquer reforma vai colocar. Eu diria portanto que o que leva muitos de nós a “não perder” um Profmat é, conscientemente ou não, sentirmos que não nos podemos dar ao luxo de desprezarmos os poucos momentos ricos de formação que temos ao nosso dispor, e as várias actividades incluídas nos PROFMAT são exemplo disso. De resto, a formação contínua, e neste momento particular a formação tendo em vista os futuros programas, é tema recorrente nas discussões entre os professores de Matemática. Afirma-se frequentemente que sem formação dos professores, todas as mudanças positivas que os novos programas propõem — para muitos de nós mesmo assim ambíguas e de escassa amplitude — serão letra morta. No entanto, propostas concretas sobre o modelo de formação apropriado para essa formação escasseiam. Não se conhece o que o Ministério da Educação pretende fazer, e até se tem dúvidas se existe algum plano, dado o carácter aparentemente improvisado das poucas iniciativas que vai tomando. Por outro lado, quando se ouve falar alguns professores, fica-se com a sensação que eles consideram que uma solução possível para o problema seria a organização pelo Ministério de cursos de actualização por todo o país, de uma ou duas semanas, em que poderia ser adoptado um sistema em escada — os autores dos programas formavam uns tantos professores, cada um destes formava outros tantos, e através de um crescimento exponencial rapidamente seriam atingidos todos os professores existentes... Mas isto é uma miragem, não apenas porque seria impraticável, mas sobretudo porque esse não é um modelo de formação para a mudança das práticas pedagógicas dos professores, como se deve pretender, mas um modelo administrativo de formação, que apenas teria como possível “benefício” tranquilizar a consciência do Ministério da Educação — se é que os ministérios têm consciência.

Devemos procurar outros modelos de formação, e sobre isso o que há a fazer em primeiro lugar é ler com atenção a magnífica intervenção de Rui Canário na sessão de abertura do PROFMAT 90, e que tratou precisamente dos modelos de formação contínua. Esse texto, que consta do 2º volume das actas desse encontro, deve ser lido na íntegra. Direi apenas que num modelo de formação que não seja “de cima para baixo”, mas que tenha por centro a escola e por motor o dinamismo a a iniciativa dos professores, estes poderiam reencontrar, ao longo do ano e em múltiplas ocasiões, os mesmos momentos ricos de formação e de partilha de experiências que agora procuram nos Profmats. Tratar-se-ia depois, nos encontros anuais e regionais da APM, de pôr em comum essa experiência acrescida.